

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ROBERTA LARA DE OLIVEIRA ARAGÃO

**O SENTIDO EXPRESSO POR CONJUNÇÕES COORDENATIVAS NO  
DISCURSO SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA**

PORTO ALEGRE

2015

ROBERTA LARA DE OLIVEIRA ARAGÃO

**O SENTIDO EXPRESSO POR CONJUNÇÕES COORDENATIVAS NO  
DISCURSO SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO  
NA LÍNGUA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Leci Borges Barbisan

Porto Alegre

2015

ROBERTA LARA DE OLIVEIRA ARAGÃO

**O SENTIDO EXPRESSO POR CONJUNÇÕES COORDENATIVAS NO  
DISCURSO SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO  
NA LÍNGUA**

Dissertação apresentada como requisito para a  
obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de  
Pós-Graduação em Letras da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 14 de janeiro de 2015

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr. Leci Borges Barbisan – PUCRS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr. Claudia Stumpf Toldo Oudeste – UPF

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr. Maria da Glória Corrêa di Fanti - PUCRS

## AGRADECIMENTOS

A Deus Senhor e Salvador da minha vida e a quem devo toda a minha existência;

À minha família, ao meu pai Paulo Francisco Fontenele Aguiar de Aragão e à minha mãe Milânia Lúcia Gomes de Oliveira e aos meus irmãos Paulo Francisco Fontenele de Aragão Filho, Breno Levi de Oliveira Aragão e Guilherme Matheus de Oliveira Aragão pelo apoio que recebi ao longo do mestrado.

À nova família Klaus Ivar Schmitt, Gislaine Shiramm Schmitt e Arthur Schiramm Schmitt por me receberem em seu lar e cuidarem de mim tão carinhosamente e me darem forças nos momentos de saudade de casa, à Bonifácia Schiramm Schmitt (Bona), parceira fiel das noites insones.

À querida professora Leci Borges Barbisan, que me ensinou o amor pela linguagem e que, pacientemente, me orientou e me inspirou para escrever esta dissertação;

Aos amigos distantes, sempre queridos e dedicados Rebecca Ramos Medeiros e José Roberto de Souza Brito pelo apoio e incentivo para fazer esse mestrado;

Aos preciosos companheiros de jornada Pâmela Nataline de Oliveira Camacho e Ronaldo Pacheco Pereira, pela força, dedicação, parceria, amizade e amor;

Aos colegas de mestrado que me receberam carinhosamente nessa terra tão distante da minha, em especial à Larissa Pontes Hübner;

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS;

À CAPS pela bolsa concedida.

Sinceramente, muito obrigada.

## RESUMO

A proposta deste trabalho é procurar explicar o sentido construído pela relação que as conjunções coordenativas estabelecem entre as orações que elas articulam, sob a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua (ANL), em sua fase atual, a Teoria dos Blocos Semânticos desenvolvida por Oswald Ducrot, Jean-Claude Anscombre e Marion Carel. Nosso objetivo é explicar essas relações construídas pelas conjunções coordenativas segundo uma abordagem semântica, ou seja, que leve em consideração aspectos que constituem o sentido das conjunções, sem que estejam, necessariamente, de acordo com a terminologia gramatical. Além disso, pretendemos buscar os resultados de sentido partindo do princípio de que é no uso que as conjunções coordenativas assumem seu significado. Para tanto, partimos dos conceitos de conjunções descritos por diferentes gramáticas para entender como esse tipo de estudo, enxerga esse fenômeno linguístico. Tanto a gramática, quanto a Teoria da Argumentação na Língua tem como objeto de estudo a língua. Contudo seus objetivos são distintos, enquanto a gramática preocupa-se em classificar e nomear os elementos que a compõem, a ANL busca explicar o fenômeno linguístico em diversas ocorrências, ou seja, no uso.

**Palavras-chave:** Conjunções. Teoria da Argumentação na Língua. Teoria dos Blocos Semânticos. Gramática e Argumentação.

## **ABSTRACT**

The aim of this study is to explain the meaning created by the relationship that coordinating conjunctions establish between the clauses that they connect, according to the Theory of Argumentation within Language in its current phase, the Theory of Semantic Blocks developed by Oswald Ducrot, Jean-Claude Anscombe and Marion Carel. The objective is to explain these relationships through a semantic approach that takes into consideration aspects that compose the meaning of the conjunctions themselves, without necessarily being in accordance with grammatical terminology. Furthermore, the intent is to seek meaning starting from the premise that it is in their use that coordinating conjunctions actually assume their meaning, case by case.

Key words: Conjunctions. Theory of Argumentation within Language. Theory of Semantic Blocks. Grammar and Argumentation.

## RÉSUMÉ

Le but de ce travail est d'essayer d'expliquer le sens construit par la relation que les conjonctions de coordination entre les propositions qu'elles articulent du point de vue de la Théorie de l'Argumentation dans la Langue (ANL), dans sa phase actuelle, la Théorie des Blocs Sémantiques développée par Oswald Ducrot, Jean-Claude Anscombe et Marion Carel. Notre objectif est d'expliquer les conjonctions de coordination selon une approche sémantique, c'est-à-dire de prendre en compte les aspects qui constituent le sens des conjonctions, sans être nécessairement grammaticale selon la terminologie. En plus, nous avons l'intention d'obtenir les résultats du sens à partir du principe qui est dans l'usage que les conjonctions de coordination prennent leur sens. À cette fin, nous avons mis les concepts de conjonctions décrites par différentes grammaires afin de comprendre comment cette étude voit ce phénomène linguistique. La grammaire et la Théorie de l'Argumentation dans la Langue ont comme objet d'étude la langue. Cependant, leurs objectifs sont distincts. En ce qui concerne la grammaire elle s'occupe de classer et de nommer les éléments qui la compose. La recherche à partir de l'ANL explique ce phénomène dans plusieurs occurrences, dans l'usage de la langue.

**Mots-clé:** Théorie de l'Argumentation dans la Langue. Théorie des Blocs Sémantique. Grammaire. Conjonction.

## **LISTA DE SIGLAS**

A – Argumentos

AE – Argumentação externa

AI – Argumentação interna

ANL – Teoria da Argumentação na Língua

C – Conclusão

CLG – Curso de Linguística Geral

CON – Conectores

DC – Portanto

ELG – Escritos de Linguística Geral

GT – Gramática Tradicional

NEG – NEGação

PT – No entanto

TBS – Teoria dos Blocos Semânticos

*Combati o bom combate, acabei a corrida, guardei a fé. (2 Timóteo 4:7)*

*Deus é bom.*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>GRAMÁTICA.....</b>	<b>12</b>
2.1	DIFERENTES CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA.....	13
2.2	A CONCEPÇÃO DE CONJUNÇÃO SEGUNDO DIFERENTES ABORDAGENS TEÓRICAS.....	16
2.2.1	As Conjunções.....	16
2.2.2	As conjunções vistas pelas diferentes concepções de gramática.....	17
<b>3</b>	<b>UMA ABORDAGEM SEMÂNTICA DA GRAMÁTICA.....</b>	<b>23</b>
3.1	A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA.....	23
3.1.1	Os conceitos de língua, fala, valor e relação de Ferdinand de Saussure.....	24
3.1.2	Conceitos da Teoria da Argumentação na Língua.....	27
3.1.3	A Teoria dos Blocos Semânticos.....	30
3.1.4	A Teoria da Argumentação na Língua e as Conjunções Coordenadas.....	35
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA E ANÁLISES.....</b>	<b>37</b>
4.1	METODOLOGIA.....	37
4.2	ANÁLISES.....	37
4.2.1	Texto 1.....	38
4.2.2	Texto 2.....	39
4.2.3	Texto 3.....	40
4.2.4	Texto 4.....	43
4.3	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	44
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>
	<b>CURRICULUM VITAE (PLATAFORMA LATTES CNPQ).....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como proposta compreender o sentido expresso pela relação que as conjunções coordenativas estabelecem entre as orações que elas articulam. Tendo em vista a Teoria dos Blocos Semânticos, fase atual da Teoria da Argumentação na Língua desenvolvida por Oswald Ducrot e colaboradores.

Esta pesquisa destina-se a todos que necessitem estudar e compreender o funcionamento das conjunções coordenativas na língua e a entender como o seu sentido é constituído no discurso, sob o viés da teoria ducrotiana.

A motivação para este trabalho surgiu, em sala de aula, em consequência da dificuldade que os alunos em definir e entender o sentido que as conjunções coordenativas estabelecem entre as orações que elas articulam. A comparação entre esses dois modos de ver a língua, Gramática e ANL, só é possível de ser realizada, porque ambas possuem o mesmo objeto de estudo. Entretanto, cada uma delas tem um modo diferente de enxergar esse objeto. Pelas pesquisas realizadas, para a gramática tradicional, o enfoque do estudo é a língua escrita. Cabe à Gramática Tradicional, então, fazer o registro dos fatos linguísticos, apontar as normas para o uso correto das formas orais e escritas do idioma, no intuito de ensinar a falar e a escrever a língua padrão corretamente. Contudo, na *Gramática de usos do português*, Moura Neves (2000), vemos uma abordagem gramatical mais próxima do uso. A autora defende que qualquer que seja a entidade da língua, essa deve ser considerada no contexto em que ocorre, isto é, deve ser definida na relação que constrói no enunciado. Percebemos que a proposta de Moura Neves se aproxima da teoria ducrotiana que também afirma que é no uso que cada entidade linguística assume sua função.

A Teoria da Argumentação na Língua (ANL), em sua forma atual, a Teoria dos Blocos Semânticos, fundamenta-se na hipótese de que a argumentação é constitutiva da própria língua. Ducrot entende como *argumentação* os segmentos dos discursos compostos pelo encadeamento de duas proposições A e C, relacionadas por um conector do tipo *donc (portanto)* e *pourtant (no entanto)*. A escolha que fizemos pela Teoria dos Blocos Semânticos sustenta-se no potencial da explicação dessa proposta, que recorre às construções dos blocos semânticos, assumindo que as argumentações realizadas pelo locutor estão no uso da língua, e são construídos pela *relação*<sup>1</sup> entre, palavras.

---

<sup>1</sup> Para as análises deste trabalho nós nos apropriamos do conceito de “relação” defendidos por Saussure.

Nosso objetivo, com esse estudo, é o de buscar o de sentido das orações, partindo do princípio de que é no uso que as conjunções coordenativas assumem seu significado e definem sua função.

Esta a dissertação será organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo “Gramática”, apresentaremos uma breve apresentação da origem da gramática e de suas diferentes concepções. Em seguida, no capítulo intitulado: “Uma abordagem semântica da linguagem”, versaremos sobre as conjunções e suas diferentes concepções sob o ponto de vista de abordagens teóricas distintas. A seção subsequente contém a apresentação da fundamentação teórica que norteará nossa pesquisa, a saber, a ANL. Abordaremos os conceitos saussurianos de *língua, fala, valor e relação*; os conceitos da ANL e da TBS; por fim, de posse desses conceitos teóricos, apresentaremos o modo pelo qual as conjunções coordenativas são vistas pela Teoria da Argumentação na Língua. O capítulo 4, “Metodologia e Análises” envolve o detalhamento da metodologia deste trabalho e das análises. Para as análises, partiremos das diferentes concepções gramaticais sobre o fenômeno estudado, explicaremos como a Gramática enxerga as conjunções e as relações de sentido que elas constroem entre os segmentos que articulam. Na continuidade faremos a discussão dos resultados obtidos e por fim as considerações finais.

## 2 GRAMÁTICA

Neste capítulo apresentaremos a concepção de *gramática* e sua origem, com o intuito de entender o sentido expresso por conjunções coordenativas no discurso. Veremos, nos parágrafos seguintes as diferentes definições do termo *Gramática*. Daremos início a nossa exposição sobre os conceitos de gramática. De acordo com Moura Neves (2002),

**grammatiké** como sistema regulador da interdependência dos elementos linguísticos na cultura helenística, **gammatiké** com regulamentação de um determinado uso da língua, num dado momento de sua história; na ciência linguística, *gramática* como explicitação das regras que regem a linguística. (MOURA NEVES, 2002, p.10)

Neste parágrafo, expomos diferentes definições de Gramática, mas ainda nos resta esclarecer qual é a origem do que conhecemos como *disciplina gramatical*.

A disciplina gramatical, explica Moura Neves (2005), foi criação dos helenos, na época do estabelecimento desse povo em sua nova fase política e social, bem como no seu novo ideal de cultura. Nesse momento histórico do povo helênico havia a preocupação com a pesquisa e o ensino, por isso as atividades culturais da época voltavam-se para as bibliotecas, para a preservação e transmissão da cultura helênica – prioridades desse período.

A necessidade de divulgação da cultura helênica estimulou o desenvolvimento dos conhecimentos literários e linguísticos. Os helenos, em seus estudos da disciplina gramatical, buscaram textos considerados “não contaminados” pela cultura bárbara, isto é, textos em que a língua grega poderia ser encontrada em sua forma mais “pura”. Os textos escolhidos foram os de Homero, pois julgavam que nesses era possível encontrar a língua considerada modelo a ser seguido.

Ainda no período helenístico, em consonância com Moura Neves (2005, p.13), existiam os *philolologós* - amor ao *logos*- amor ao discurso – “é o termo que se refere ao que se interessa pela cultura geral; e os *grammatikós* – o que tenta a revisão crítica dos textos e a compreensão da obra literária. Ainda sobre *grammatikós* lemos em Moura Neves:

Este [grammatikós] não só explica as obras, mas também as julga; reconhece ou não a sua autenticidade, aponta suas belezas e defeitos. Faz a correção dos textos e exerce julgamento; é, portanto, um crítico, atividade que representa poder de decidir como juiz das obras escritas. (MARROU, 1971, apud NEVES, 2005, p.113).

Nos conceitos abordados nos parágrafos anteriores percebemos que a origem da Gramática se deu pelo desejo helênico de cultivar e preservar a sua cultura. Isso explica o motivo da sua predileção pela língua escrita e pelas obras clássicas, uma vez que julgavam a língua contida nessas obras como modelo a ser seguido. Embora os helenos tenham dado origem e difundido o que conhecemos como *disciplina gramatical*, “os gramáticos alexandrinos foram [pois] mais práticos; codificaram a gramática grega e lançaram o que seria o modelo da gramática ocidental tradicional”. (MOURA NEVES, 2005, p.117-118).

Nesta seção estudamos a origem da Gramática. Para tanto, voltamo-nos para os helenos com a finalidade de buscar os primórdios da sua origem enquanto disciplina. Julgamos necessário, na continuação, apresentar diferentes concepções de gramática.

## 2.1 DIFERENTES CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA

A nossa proposta parte dos conceitos da gramática para explicar as relações que as conjunções estabelecem na língua. Sendo assim, julgamos necessário expor o que se entende por Gramática Tradicional. A Gramática Tradicional, de acordo com Luft (2004), é de origem greco-latina e tem duas orientações: *normativa e descritiva*. Seus objetivos são, respectivamente – impor as regras de um padrão linguístico modelo a ser seguido; expor os fatos da linguagem. Contudo a Gramática Tradicional, ainda conforme o autor, “sempre foi mais normativa que descritiva, por falta de compreensão exata do fenômeno da linguagem e de uma técnica apropriada de descrição”. (LUFT, 2004, p.21).

Julgamos necessário expor alguns conceitos primordiais para nossa pesquisa, a saber, linguagem, língua e fala, sob o viés gramatical tradicional. Segundo Cegalla, (1985) *linguagem* é a faculdade que o homem tem de se expressar e de se comunicar pelo meio da fala. Luft (2004) amplia essa concepção e diz que a linguagem serve também para estruturar o mundo interior do homem, afim de construir no espírito aquilo que ele pretende exteriorizar. A Gramática Tradicional (GT) define *língua* como veículo do conhecimento humano e base do patrimônio cultural do povo. É um sistema de sons e códigos, compartilhados por uma comunidade. Cegalla (1985) defende que cada povo exerce a capacidade da linguagem por meio de um determinado código linguístico, utilizando-o em um sistema linguístico a que se dá o nome de língua ou idioma. *Fala* é por fim a utilização da língua.

Retomando a explanação sobre Gramática Tradicional, chamamos GT ao conjunto de normas e regras da língua que surgiram na Antiguidade clássica. Esse tipo de gramática está fundamentado nos moldes gregos e latinos e toma como referência de bem falar e escrever escritores consagrados, como Homero, que são considerados exemplos a serem seguidos. A GT tem caráter prescritivo, ela dita modos de expressão e define regras para o correto uso do idioma.

Apoiada nas ideias de língua da GT originou-se o que chamamos gramática normativa. Esse tipo de gramática é um manual de regras que devem ser seguidas. Cegalla (1985), na introdução da sua obra *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, declara que a *Gramática Normativa* enfoca a língua como é falada em uma dada fase da sua evolução; faz o registro sistemático dos fatos linguísticos e dos meios de expressão, indica as regras para o correto uso das formas orais e escritas do idioma, com o intuito de ensinar a falar e a escrever a língua padrão corretamente.

Em conformidade com os diversos aspectos que se podem considerar os fatos linguísticos, a Gramática Normativa divide-se em cinco categorias: Fonética, Morfologia, Sintaxe, Semântica e Estilística. À *fonética* cabe o estudo dos sons da fala; a *morfologia* considera as diferentes classes de palavras, isoladamente, estudando sua estrutura, formação, flexão e propriedades; a *sintaxe* ocupa-se do estudo das palavras associadas na frase “as relações de dependência das palavras na oração, sob o aspecto da subordinação” (CEGALLA, 1985, p.20); a *semântica* estuda a significação das palavras e se ocupa com a evolução do seu sentido através do tempo; por fim a *estilística* dedica-se ao lado estético e emocional da atividade linguística.

Outra percepção sobre gramática tradicional é aquela que é também chamada de *gramática descritiva*, uma vez que faz descrições das estruturas, funcionamento, formas e função da língua. Em consonância com Franchi (1991), a *gramática descritiva* é um sistema de noções por meio das quais se descrevem os fatos de uma língua, possibilitando combinar a cada expressão dessa língua, uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso de modo a distinguir o que é gramatical daquilo que não é gramatical.

Podemos afirmar, segundo Travaglia (2006), que gramatical é tudo o que obedece às regras de funcionamento da língua, de acordo com uma dada variedade linguística. Conhecer gramática, ainda de acordo com Travaglia, na abordagem descritiva, significa ser capaz de diferir as categorias, funções e relações nas expressões de uma dada língua e saber adequá-las a cada ambiente linguístico de comunicação.

Ainda segundo o autor, os principais representantes dessa vertente de pensamento são os linguistas estruturalistas que priorizam a descrição da língua oral. As correntes linguísticas que apoiam esse tipo de gramática partilham o fato de sugerirem a unicidade do sistema linguístico. Isso quer dizer que esse tipo de gramática lida com um sistema formal abstrato que regularia o uso que se tem em cada variedade linguística.

A *Gramática de usos do português*, de Moura Neves (2000) é uma obra inserida na tradição gramatical, mas, diferentemente do que se faz tradicionalmente entre os autores da tradição gramatical, as análises partem da observação dos usos que realmente ocorrem no Brasil. Essa gramática apresenta como proposta organizar em uma gramática as possibilidades de construção dos falantes para a obtenção dos efeitos de sentido pretendido. Essa concepção tem como objetivo fornecer a descrição do uso efetivo dos termos de uma língua. Conforme Moura Neves (2000), a gramática de usos tem como ponto de partida a tradicional concepção de classes de palavras propostas pela GT, explicitando o seu uso em textos reais que constituem a gramática desses termos. Segundo a própria autora, a meta final do exame é:

Buscar os resultados de sentido, partindo do princípio de que é no uso que os diferentes itens assumem seu significado e definem sua função, e de que as entidades da língua têm de ser avaliadas em conformidade com o nível em que ocorrem, definindo-se, afinal, na sua relação com o texto. (MOURA NEVES, 2000, p.13).

O propósito da autora, na gramática de usos, não é propor uma nova classificação, mas fazer entender que a unidade maior de funcionamento de uma língua é o texto e os itens que o compõem são multifuncionais, pois cada termo examinado só ganha sentido quando relacionado a outros termos. Moura Neves (2000), defende a necessidade de uma verificação gramatical que descreva o comportamento das diferentes entidades gramaticais a partir da sua funcionalidade, isto é, de seu emprego no texto.

Depreendemos, pelos conceitos de gramática expostos nos parágrafos anteriores, que a esta, em consonância com Silva Mattos (2002), parece oscilar entre dois polos: ou as gramáticas partem da apresentação das funções sintáticas, abordando em seguida as partes do discurso ou classes de palavras, ou partem dessas palavras para chegar às suas funções sintáticas. Porém, um fato nos chama atenção: apesar dessa oscilação e das visões distintas sobre o que vem a ser gramática, todas as concepções assumem que a língua é um conjunto de sistemas estabelecido pelo uso da língua.

Na subseção seguinte trataremos do fenômeno linguístico que nos propomos pesquisar, ou seja, as conjunções coordenativas.

## 2.2 A CONCEPÇÃO DE CONJUNÇÃO SEGUNDO DIFERENTES ABORDAGENS TEÓRICAS

Nesta seção apresentaremos a abordagem do fenômeno linguístico: conjunções, mais especificamente, conjunções coordenativas, segundo a perspectiva de diferentes gramáticos, entre eles, Cunha e Cintra (2001), Cegalla (1985) e Moura Neves (2000). Por fim apresentaremos o estudo do fenômeno em questão sob a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua.

### 2.2.1 As Conjunções

Nesta subseção veremos como a Gramática Tradicional, de acordo com autores como Cegalla (1985), Luft (2004), entre outros, definem as várias conjunções existentes. De acordo com a nossa pesquisa, conjunção é uma palavra invariável que liga duas orações ou dois termos de uma oração que têm a mesma função. As conjunções, segundo Cunha e Cintra (2001), dividem-se em coordenativas – aquelas que relacionam termos ou orações de função gramatical idênticas; e subordinativas - aquelas que ligam duas orações, nas quais uma determina ou completa o sentido da outra.

As conjunções, de acordo com os autores, estabelecem diferentes tipos de relação entre as orações e entre os termos de uma oração. A mudança de uma conjunção altera o sentido dos termos de uma oração. Suponhamos os seguintes exemplos:

(1) *O professor fará uma reunião com o pai **ou** a mãe desse aluno.*

(2) *O professor fará uma reunião com o pai **e** a mãe desse aluno.*

Nessas orações, os termos *pai/mãe* apresentam relações de sentidos distintos em cada uma delas; em (1) temos o sentido de alternância provocado pela conjunção alternativa “ou”, enquanto em (2), o sentido da conjunção coordenativa “e” que relaciona *pai/ mãe* é de adição.

Do mesmo modo, as conjunções que ligam orações alteram a relação de sentido das orações que elas coordenam:

(3) *Lúcia saiu e Jonas chegou.*

(4) *Lúcia saiu **mas** Jonas chegou.*

Nesses exemplos, as conjunções ligam orações e a mudança destas provoca a alteração de sentido em cada exemplo; em (3) temos a noção de adição enquanto em (4) a de oposição.

Utilizaremos em nossos exemplos apenas conjunções coordenativas. De acordo com a Gramática Tradicional (GT), as conjunções coordenativas ligam orações sem fazer que uma oração dependa sintaticamente da outra e sem que o sentido da segunda oração complete o sentido da primeira. Explicando mais concretamente, em (3) as duas orações estão ligadas pela conjunção “e” e não têm relação de dependência entre si. Então, a primeira oração (Lúcia saiu) tem sentido completo e independe da segunda (Jonas chegou); e assim também é a segunda em relação à primeira. Porém, nos parece, que semanticamente o sentido das orações só se dá nas relações de interdependência semântica que as conjunções estabelecem entre as orações que elas ligam.

### **2.2.2 As conjunções vistas pelas diferentes concepções de gramática**

Nesta seção versaremos sobre como a Gramática Tradicional, mais especificamente a *gramática normativa* enxerga as conjunções. Daremos início às diferentes visões a partir do que preceitua Cegalla em sua obra *Novíssima gramática da língua portuguesa* (1985). Para o autor, o estudo das *conjunções* cabe à morfologia – o autor defende que a morfologia deve se ocupar das diferentes classes de palavras, estudando-as isoladamente, analisando suas estruturas, suas formações, suas flexões e propriedades.

O gramático define que as conjunções são palavras invariáveis que ligam orações ou termos de orações. As conjunções dividem-se em dois grupos, as coordenativas e as subordinativas.

No intuito de explicar o que é conjunção coordenativa, o autor apresenta como exemplo a seguinte oração: “Os livros ensinam e divertem”. Nesse exemplo, a conjunção “e” liga as orações sem fazer com que uma dependa da outra, isto é, sem fazer com que o segundo termo complete o sentido do primeiro; por isso pode-se dizer que a conjunção “e” é coordenativa. Contudo no exemplo “Saímos de casa quando

amanhecia” a conjunção “quando” liga duas orações que se completam, uma oração é dependente da outra: por isso a conjunção “quando” é subordinativa.

As conjunções coordenativas, ainda de acordo com Cegalla (1985) são divididas em cinco categorias. São elas: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

As conjunções dão exprimem o sentido de acréscimo. São elas: **e, nem, mas também, como também, além disso, bem como** etc. São exemplos:

- *Deus tem me ouvido e atendido a minha oração, (Sl. 66. 19)*
- *O agricultor plantou o milho e o colheu.*

As adversativas exprimem oposição, contraste e ressalva. São elas: **mas, porém, contudo, todavia, não obstante, no entanto, entretanto** etc.

- *Os homens compram tudo pronto nas lojas. **Mas** como não há lojas de amigos, os homens não têm amigos. (Saint-Exupéry);*
- *Querem boas notas, **mas** não estudam.*

Continuando com a classificação dos tipos de conjunções, as conjunções alternativas expressam alternância. São elas **ou, ora, quer** etc.

- *Fale agora **ou** cale-se para sempre;*
- ***Ou** você estuda **ou** trabalha.*

As conclusivas iniciam uma conclusão. São elas: **pois, logo, portanto, por isso** etc.

- *Marta estudou bastante para o teste, **logo**, deve ter êxito;*
- *A rua está molhada, **logo** choveu;*
- *Você é o proprietário da casa; **deve, pois, ser responsável.***

Por fim, as conjunções explicativas precedem uma explicação. São elas: **pois, que, porque** etc.

- *Eu tenho o direito de exigir obediência, **porque** as minhas ordens são sensatas.* (Saint-Exupéry);
- *Choveu durante a noite, **porque** as ruas estão molhadas.*

Continuando com a concepção normativa do estudo das conjunções coordenadas, Luft (2004) descreve a conjunção como: “palavra gramatical invariável que estabelece coordenação e subordinação entre dois membros da oração ou entre uma palavra e uma oração, entre duas orações e entre dois períodos” (LUFT, 2004, p.189). Assim como Cegalla, o autor defende que o estudo das conjunções faz parte da morfologia e lista as conjunções coordenativas em também cinco categorias: aditivas – que exprimem adição; adversativas – denotam contraste; alternativas – introduzem alternância; conclusivas – exprimem conclusões e explicativas – “explicam o motivo de se enunciar o primeiro termo”. (LUFT, 2004, p. 189). Contudo, apesar de listar essas cinco categorias, o gramático considera como conjunções coordenadas apenas as aditivas, adversativas e alternativas. O autor não apresenta os motivos que suscitaram essa afirmação. Contudo, Luft (2004) chama atenção dizendo que algumas conjunções como: *que*, *porque* e equivalentes, podem aparecer ora com valor subordinativo, ora coordenativo. No primeiro caso, temos as orações que servem para indicar a “causa” do que foi afirmado pelo verbo principal, por exemplo: “O professor não foi à escola *porque* estava doente”; “estar doente” foi a causa de o professor não ter ido à escola, portanto trata-se de uma oração subordinada causal. No segundo, temos a oração explicativa que anuncia a razão ou motivo do que foi declarado anteriormente: “Leve um casaco, *porque* está começando a esfriar”. Nesse caso “começar a esfriar” não é a causa, mas sim o motivo pelo qual se deve levar o casaco, por isso a gramática a chama de oração coordenada explicativa.

Prosseguindo com as definições de conjunções coordenativas, apresentaremos o que a Gramática descritiva, conforme Cunha e Cintra entendem como conjunções:

vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical recebem o nome de coordenadas. (CUNHA e CINTRA, 2007, p.579)

As conjunções coordenativas, consoante os autores, não se alteram com a mudança de construção, isto é, são invariáveis, pois ligam elementos independentes e podem estabelecer, entre eles, relações de adição como em “Estudar e trabalhar” ou de alternância como em “Estudar ou trabalhar”.

Os autores dividem também as conjunções coordenativas em: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas. As aditivas servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função; as adversativas ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém ideia de contraste; as alternativas ligam dois termos ou duas orações de sentido distinto, indicando que ao cumprir-se um fato o outro não se cumpre; as conclusivas servem para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, consequência e por fim as explicativas ligam duas orações, sendo que a segunda oração justifica a ideia contida na primeira.

Em busca de uma gramática que contemplasse a língua em uso encontramos em Moura Neves (2000) um apoio para a explicação das conjunções coordenativas a partir do discurso. Em sua *Gramática de Usos do Português* (2000), Moura Neves apresenta o fenômeno linguístico das conjunções a partir da perspectiva funcionalista. Percebemos, pela leitura da obra, que a autora procura apresentar os usos feitos pelos falantes da língua, para explicar seu funcionamento, a fim de demonstrar o sentido expreso pelos discursos. Sendo assim, muito mais que normas e nomenclatura, Moura Neves nos mostra que é no uso que as entidades gramaticais definem suas funções e significados.

No capítulo sobre junção, Moura Neves (2000) alega:

Algumas palavras da língua que pertencem à esfera semântica das relações e processos atuam especificamente na junção dos elementos do discurso, isto é, ocorrem num determinado ponto do texto indicando o modo pelo qual se conectam as porções que se sucedem. (MOURA NEVES, 2000, p.601).

Entre essas palavras estão as preposições, as conjunções subordinadas, as conjunções coordenadas – objeto de estudo desta pesquisa.

A autora apresenta as conjunções coordenativas de três formas: construções aditivas, adversativas e alternativas. Nos parágrafos subsequentes, versaremos como a *Gramática de usos do português* descreve os diferentes tipos de conjunções coordenativas, a natureza da sua relação, seu modo de construção e o valor semântico que elas podem indicar. Recapitulando, para Moura Neves, as conjunções coordenativas

dividem-se em: construções aditivas, construções adversativas e construções alternativas.

As construções aditivas são aquelas que fazem a coordenação com *e*. A natureza desse tipo de relação consiste em que o “e” evidencia exterioridade entre os dois segmentos coordenados e a partir daí acresce um segundo segmento a um primeiro, seja qual for a direção relativa desses segmentos, determinados pelas variações contextuais. (MOURA NEVES, 2000, p.739). Para a autora, o “e” marca uma relação de adição entre os segmentos coordenados. O “e” pode resultar da adição de segmentos que entre si mantêm relações semânticas marcadas por relações de contraste, como em “Depenava frangos *e* não ganhava nada”; relações de causa-consequência “Superministro arma crise *e* entra na fritura.”

Em relação ao seu modo de construção, os segmentos coordenados por “e” podem aparecer como: a) simples elementos de composição<sup>2</sup> de um termo “O vai-*e*-vem das ondas me deixa fascinado”; “ O tique-*e*-taque do relógio perturbava minha concentração”; palavras “Nunca durmo antes das dez e meia”; orações “ Dançavam e cantavam alegremente.”

As construções adversativas marcam uma relação de desigualdade entre dois segmentos coordenados. Segundo o modo de construção, os segmentos ligados por esses coordenadores podem ser sintagmas: “o serviço deste restaurante não é bom, mas a comida é deliciosa”; orações: “ estudou bastante, mas não foi aprovado no concurso.” E enunciados: “Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”.

A conjunção coordenativa ”ou” marca disjunção ou alternância entre os elementos que ela relaciona. As construções alternativas com “ou” podem indicar: disjunção inclusiva – aquelas em que os elementos se somam, como em : “a frase é uma palavra ou conjunto de palavras capaz de transmitir ideias<sup>3</sup>.” E disjunção exclusiva – aquelas em que os elementos se excluem. Por exemplo: “Fale agora ou cale-se para sempre”. Em relação os segmentos relacionados às construções com “ou” podem coordenar complemento de composição de uma palavra, tais como: “vamos tirar a sorte no cara-ou-coroa”; podem relacionar sintagmas: “triste ou alegre a vida segue seu rumo”; orações: “ou você estuda ou arruma um emprego” e podem coordenar, também

<sup>2</sup> Palavras que se ligaram a outras para formar uma palavra composta. Podemos citar como exemplo: vai-e-vem, cara-ou-coroa, entre outros.

<sup>3</sup> Nosso propósito não é definir “frase”, mas exemplificar o fenômeno estudado, a conjunção coordenativa *ou*.

enunciados: “ frase é uma unidade de sentido completo, ou seja, um todo que exprime um significado.”<sup>4</sup>

Quanto ao valor semântico dos coordenadores “e”, “mas” e “ou”, Moura Neves leva em consideração o sentido que uma determinada conjunção coordenativa desempenha em uma dada situação de uso. Além disso, a autora fala sobre as relações que as conjunções coordenadas estabelecem entre os segmentos aos quais elas se unem por interdependência. Tanto a visão de Moura Neves como a proposta para este estudo das conjunções vão ao encontro das concepções propostas por Ducrot, a saber, que é no uso que as entidades linguísticas se definem.

Nesta seção apresentamos o que diz Moura Neves (2000) sobre os coordenadores aditivos, adversativos e alternativos. Vimos que a autora vê esses coordenadores a partir de alguns aspectos. São eles: a natureza da sua relação; o modo de construção, mostrando que ocorre em diversos níveis, entre eles, a palavra, o sintagma, a oração, o enunciado e o valor semântico desses coordenadores no uso. É de extrema importância ressaltar que os coordenadores “e”, “mas” e “ou” são protótipos e podem corresponder a outras expressões. Contudo os sentidos aditivo, adversativo e alternativo serão mantidos.

Esta pesquisa, assim como Moura Neves (2000), não acredita na gramática que toma uma frase para rotular e catalogar seus termos, impondo-lhe apenas rótulos, mas acreditamos na gramática como: Aquele aparato que arranja os sentidos na língua, que junta as peças num complexo multiplamente governado (MOURA NEVES, 2000, p.24).

Desse modo, encerramos esta seção dando continuidade, na próxima, à discussão da proposta deste trabalho, sob a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot.

---

<sup>4</sup> Utilizamos essa definição de “frase” apenas como exemplo da ocorrência da conjunção.

### 3 UMA ABORDAGEM SEMÂNTICA DA GRAMÁTICA

No presente capítulo temos como objetivo apresentar os conceitos referentes à Teoria da Argumentação na Língua (ANL) que nos permitem elaborar nosso trabalho na direção que delineamos. Procuraremos explicar o sentido das conjunções coordenativas e como elas revelam essas relações, que já estão definidas na língua. Escolhemos a ANL, pois ela tem como objeto de estudo a língua, o que oferece a possibilidade de realizar uma abordagem semântico-argumentativa do fenômeno em análise. Nossa hipótese é, então, que tanto a gramática tradicional quanto a ANL têm como objeto de estudo a língua, mas cada uma delas a olha de modos distintos. Pelos estudos realizados, percebemos que o olhar da tradição gramatical parece conduzir para a normatização e classificação da língua, enquanto a ANL tem por objetivo explicar esse fenômeno.

As bases filosóficas, os conceitos que compõem a ANL e a concepção de linguagem sob a perspectiva dessa teoria serão expostos e explicados a partir das subseções que se seguem.

#### 3.1 A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

A teoria na qual nosso trabalho está fundamentado é a Teoria da Argumentação na Língua (ANL), criada na França, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris, por Oswald Ducrot, conjuntamente com Jean-Claude Anscombre, e posteriormente continuada com a colaboração de Marion Carel. A inspiração para a criação dessa teoria surgiu quando Ducrot, exímio conhecedor da filosofia clássica, leu quando jovem, o *Curso de linguística Geral* de Ferdinand de Saussure e encontrou, no capítulo dedicado ao valor linguístico, a fundamentação teórica que o introduziu na pesquisa do que conhecemos atualmente como a teoria semântica da Argumentação na Língua.

Perguntamo-nos, então, qual seria a relação que Ducrot encontrou entre a noção de valor defendida por Saussure e a filosofia clássica. A resposta, como o próprio autor nos revela no “Prefácio” do livro de Carlos Vogt (2009), é a seguinte: a noção de valor linguístico defendida por Saussure tem sua origem filosófica na teoria da alteridade de Platão. “Pois o *Cours de linguistique générale*, no capítulo sobre o Valor, não faz senão aplicar às palavras da língua o que Platão disse sobre as Ideias.” (DUCROT, 2009, p. 10).

No capítulo sobre o valor linguístico, Saussure traz para o estudo da língua o conceito de Platão de que tudo o que há só se especifica quando relacionado com o

outro e que nada do que há pode existir à parte do outro. Ainda no mesmo capítulo Saussure defende que a língua é um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um termo resulta tão somente da presença simultânea do outro. Sendo assim, percebemos que também no estudo da linguagem, tudo se baseia em relações, nada é, portanto, isolado. Quando fazemos uma leitura mais atenta dos conceitos saussurianos, percebemos que a noção de relação está sempre presente no seu estudo. O signo linguístico é composto de duas facetas relacionadas e indissociáveis entre si: o significado e o significante. Os signos, por sua vez, relacionam-se com outros signos. Esses signos, uma vez que fazem parte do sistema solidário que é a língua, só alcançarão seu sentido quando estiverem relacionados sintagmaticamente e associativamente. Diante dos fatos citados anteriormente, podemos concluir que a língua não é uma soma de termos isolados. Para construir sentido faz-se necessário que esses termos estejam relacionados entre si.

Considerando a ANL, Ducrot assume como sua base filosófica, a noção de alteridade desenvolvida por Platão e trazida, segundo ele, por Saussure, para o estudo da linguagem. Ducrot leva a noção de valor linguístico para sua teoria linguística e o revela em diferentes níveis, a saber: na relação entre as entidades lexicais, entre os enunciados e ainda entre o locutor e o alocutário.

Para entendermos a fundamentação filosófica da Teoria da Argumentação na Língua, veremos, nas subseções seguintes, como as noções de *língua, fala, valor e relação* de Ferdinand de Saussure influenciaram a teoria linguística de Oswald Ducrot.

### **3.1.1 Os conceitos de língua, fala, valor e relação de Ferdinand de Saussure.**

Para explicar os conceitos saussurianos de *língua, fala, valor e relação*, tomaremos como base principal as obras: *Curso de Linguística Geral* (2012) e *Escritos de Linguística Geral* (2004) de Ferdinand de Saussure. Conduziremos esta subseção a partir do seguinte questionamento de Saussure: “A língua só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua, ou o que, em dado momento, permite dizer que a língua entre em ação como discurso?” (SAUSSURE, 2004, p.237).

Mas o que, afinal, é língua? Ferdinand de Saussure, no capítulo 3 do CLG, questiona-se sobre qual seria o objeto integral e completo da Linguística, visto que a linguagem não tem objetos dados previamente que se podem considerar por diversos pontos de vista. Percebendo essa dificuldade, Saussure se lança na análise dos fatos da linguagem a fim de esclarecer qual seria o objeto próprio do estudo desses fatos. O

linguista genebrino parece ter encontrado uma solução para essa dificuldade quando propôs que o objeto de estudo da linguagem deve ser a língua, uma vez que: “somente a língua parece suscetível duma definição autônoma” (CLG, 2012, p. 41).

Para Saussure (2004), a língua pode ser definida como um conjunto de formas concordantes que a linguagem adquire, numa sociedade, num determinado período de tempo. O linguista apresenta sua teoria destacando a língua como um sistema de valores linguísticos abstrato e homogêneo, um fato social, produto da coletividade; exterior ao indivíduo, que, sozinho é incapaz de criá-la ou modificá-la. Mais concretamente, a língua é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções fundamentais, assumidos pela sociedade para permitir a faculdade da linguagem entre os indivíduos.

Dando continuidade aos conceitos saussurianos, percebemos que a fala é uma entidade linguística concreta e heterogênea, em consonância com Saussure (2012). Diferente da língua que é de caráter social, a fala é:

Ao contrário [da língua], um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º- as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º- o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações.” (SAUSSURE, 2012, p.45).

*Língua e fala* são, para Saussure, dois objetos interligados que se implicam mutuamente; a língua é necessária à fala para que esta produza todos os seus efeitos; mas a fala também é necessária para que a língua se estabeleça. Olhando dessa maneira, compreendemos que existe interdependência entre os conceitos de língua e fala sendo aquela o produto desta. Desse modo, notamos que os dois conceitos são indissociáveis, contudo, são absolutamente distintos.

Antes de abordarmos os conceitos de *valor* e *relação*, julgamos necessário explicar a natureza do signo linguístico. Saussure (2012) define que o signo é constituído de duas facetas relacionadas, indissociáveis entre si: o significante e o significado. O signo linguístico apresenta dois princípios fundamentais para sua existência. São eles: a arbitrariedade do signo e o caráter linear do significante. Por fazer parte de um sistema de valores solidários, os signos se relacionam entre si e só adquirem sentido quando determinados por relações sintagmáticas e associativas. Dessa relação resulta o que Saussure intitula *valor linguístico*.

O valor linguístico de um signo está numa relação de diferença e negatividade dentro do sistema de língua, pois um signo só adquire valor na medida em que é o que não é um outro signo. Isso quer dizer, um signo é aquilo que outro signo não é. Quando comparamos as ideias de Saussure às de Platão percebemos que ambos conceberam suas teorias a partir da relação, da diferença e da negatividade. Contudo, Saussure levou seus estudos para o campo da linguagem, ao passo que Platão criou a teoria para o campo das Ideias.

Após essa breve reflexão, damos continuidade aos conceitos de Saussure trazendo a noção de *relação*. Sabemos que, num estado de língua, tudo está fundamentado nas relações e nas diferenças entre os termos linguísticos. Essas relações e diferenças se desenvolvem em dois campos, sendo cada um deles formador de certa ordem de valores. Essas duas formas de relação, denominadas por Saussure (2012), de relações sintagmáticas e associativas, correspondem à atividade mental, e ambas são necessárias para a vida da língua. Consideramos necessário apresentar as características de cada uma dessas relações, pois serão de grande utilidade para o estudo da teoria de Ducrot.

Ainda segundo Saussure, os termos no discurso indicam relações de caráter linear na língua, apresentando formas regulares que se dispõem uma após a outra, conhecidas como sintagmas. A noção de sintagma não se destina apenas às palavras, mas ao grupo de palavras e em unidades complexas. A esse tipo de relação linear, Saussure denomina *relação sintagmática*. Fora do discurso, *as relações associativas*, agrupam palavras que associam um elemento comum. Essas associações, para o professor genebrino, podem ocorrer de duas maneiras – a primeira pode ser feita por analogia dos significados como em: *essência, natureza, âmago, caráter etc*; a segunda se dá na comunidade dos significantes como em: *nadador, trabalhador, conquistador etc*.

Nesta subseção notamos que a relação é uma das principais contribuições de Saussure para o estudo da Linguística. As noções de *língua, fala, valor e relação* de Saussure são um grande avanço para o estudo da língua. Nas seções seguintes veremos como os conceitos de Saussure influenciaram Oswald Ducrot lançando-o na construção da teoria linguística que conhecemos, atualmente, como Teoria da Argumentação na Língua

### 3.1.2 Conceitos da Teoria da Argumentação na Língua

A teoria na qual está fundamentada nossa pesquisa é a Teoria da Argumentação na Língua. Essa teoria, em construção há 30 anos, tem se preocupado desde seus primórdios em estudar semanticamente a linguagem. Ducrot toma como seu objeto de estudo a língua. Ducrot considera ser possível explicar a língua a partir dos sentidos construídos no discurso, sem precisar da intervenção de recursos extralinguísticos.

A teoria ducrotiana, para explicar a língua, se fundamenta na noção de alteridade de Platão trazida por Saussure por meio das noções de valor e relação para o estudo da linguagem. Ducrot expande essas noções e cria seus próprios conceitos, dentre eles, *significação, frase, texto, sentido, enunciado e discurso*.

Para Ducrot (1984), *enunciado* é um acontecimento observável e irrepetível, que supõe um locutor e um ou vários ouvintes, os alocutários. É um segmento do discurso, a realização da frase. Cada uma dessas realizações ocupa um lugar determinado no tempo e no espaço.

O linguista francês entende como *frase* a entidade teórica e abstrata, o material linguístico do qual o locutor se serve da língua para construir os enunciados, esses constituídos de dois segmentos relacionados entre si, unidos por um conector, no qual o primeiro segmento só obtém sentido se relacionado ao segundo. Desse conjunto de frases tem-se o que o linguista designa como *enunciado*. Podemos citar como exemplos:

O livro está barato,	logo	vou comprá-lo.
<i>1º segmento</i>	<i>conector</i>	<i>2º segmento</i>
O livro está barato,	mas	não vou comprá-lo.
<i>1º segmento</i>	<i>conector</i>	<i>2º segmento</i>

O linguista francês entende que, da perspectiva semântica, a *frase*, entidade teórica, possui significação. O enunciado por sua vez tem sentido. Ora se um enunciado é a realização de uma frase, então frase e enunciado, apesar de entidades distintas, são indissociáveis, assim como também são inseparáveis o sentido do enunciado e a significação da frase. Ducrot entende como *significação* de uma frase a *orientação semântica* que ela dá ao discurso. Essa orientação permite certas possibilidades de relações e torna impossíveis outras. Explicando mais concretamente, isso quer dizer que

a relação entre signos da língua resulta em frases. Essas frases permitem relações com outras frases, mas não com qualquer uma. Essas relações de entre signos se unem para construir o enunciado. O discurso é a sequência de enunciados.

Com a finalidade de facilitar a compreensão, o quadro a seguir nos apresenta o esquema dos conceitos ducrotianos.

Figura 1 – Resumo da Explicação dos Termos de Ducrot

<p style="text-align: center;"><b>ENTIDADE ABSTRATA</b> (criação do linguista)</p> <p style="text-align: center;">Relação entre significações dos signos</p> <p style="text-align: center;">Relação entre frases</p>	<p style="text-align: center;"><b>PRODUZ</b></p> <p style="text-align: center;">Frases</p> <p style="text-align: center;">Texto</p>
<p style="text-align: center;"><b>ENTIDADE CONCRETA</b></p> <p style="text-align: center;">Realização da frase</p> <p style="text-align: center;">Relação entre enunciados</p>	<p style="text-align: center;"><b>PRODUZ</b></p> <p style="text-align: center;">Enunciado</p> <p style="text-align: center;">Discurso</p>

Fonte: do autor

Podemos observar, a partir dos conceitos informados acima que, apesar de modificados, os conceitos de Saussure se encontram subjacentes aos conceitos de *frase e texto*, de *enunciado e discurso*. Relacionados dessa maneira, Ducrot criou sua teoria linguística.

Ducrot (1990), no que concerne ao aspecto argumentativo da linguagem, revela que sua teoria tem como proposta opor-se à concepção tradicional de sentido e de argumentação. Para o linguista, a língua não descreve a realidade, pois se ela o fizesse, seria desleal com a premissa saussuriana de que a língua só deve ser descrita por ela mesma. A proposta principal da teoria é, portanto, que o sentido de uma expressão só é dado pelos discursos argumentativos que podem encadear-se a partir dessa expressão. Desse modo, o que a teoria ducrotiana intenta estabelecer é que a argumentação é de ordem estritamente linguística. Em sua concepção enunciativa, Ducrot considera a linguagem como auto-representativa. Desse modo, quando o locutor coloca seu ponto de vista no discurso percebe-se que não é possível aceitar o caráter objetivo da

linguagem posto que é possível perceber a subjetividade do *eu* na interpretação do locutor. Em *Polifonia e argumentação*, Ducrot (1990) revela que: “se a linguagem comum descreve a realidade”, ela o faz por intermédio dos aspectos subjetivos e intersubjetivos. Sendo assim, se o locutor diz: *Pedro é inteligente*, essa descrição está ligada ao que esse locutor pensa sobre Pedro. Ainda segundo Ducrot (1990), essa descrição, ou seja, o aspecto objetivo, se dá através da expressão de uma atitude e através também de um chamado que o locutor faz ao interlocutor. Dessa maneira, podemos perceber que a linguagem serve para falar do mundo e, para o sujeito falante, as coisas do mundo são a base para a expressão de sua subjetividade pela linguagem.

Ainda sobre o sentido, Ducrot explica que a relação entre os aspectos subjetivo e intersubjetivo da linguagem conduz ao valor argumentativo do enunciado, que é por definição a orientação que essa palavra dá ao discurso. O valor argumentativo de uma palavra é o conjunto de possibilidades e impossibilidades de continuação discursiva que seu emprego permite, isto é, o papel que a palavra desempenha no discurso. Olhando dessa forma, apreendemos que não existe sentido literal, nem figurado, uma vez que a orientação de uma palavra dependerá unicamente do emprego que o locutor dá a ela no discurso, isso quer dizer, nos enunciados produzidos, excluindo o contexto externo que originou sua produção.

A respeito da argumentação, Ducrot (1990) também se opõe à concepção tradicional. Essa concepção defende que os enunciados de um discurso encontram-se fundamentados nos fatos que conduzem e sua função semântica é a descrição.

Ainda para a concepção tradicional de argumentação, um sujeito falante produz um enunciado A. Este aponta para um fato F (que pode ser verdadeiro ou falso), como argumento para justificar um enunciado C. Esse tipo de argumentação, chamada retórica, produz enunciados do tipo: *A logo C* ou *A já que C*. Porém, mesmo que se usem os conectivos que estabelecem a relação entre A e C, a língua, nessa maneira de entender argumentação, parece não ter papel essencial, visto que esse modo de funcionamento da argumentação retórica, a saber, *A logo C*, não depende da língua.

Contrapondo-se à concepção tradicional da argumentação, Ducrot defende que a argumentação não está nos fatos, mas sim na relação de interdependência semântica entre as palavras da língua, isto é, no sentido para o qual elas orientam, visto que é possível criar enunciados que indicam o mesmo fato, mas orientam para conclusões opostas.

A Teoria da Argumentação na Língua, desenvolvida por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe, ganhou uma nova fase, a partir dos trabalhos de Marion Carel. Desde então, Carel e Ducrot passaram a pensar em argumentação sob o seguinte aspecto:

A ideia de base é que, num encadeamento argumentativo A *donc* (portanto) C, o sentido do argumento A contém em si mesmo a indicação de que ele deve ser completado pela conclusão. Assim, o sentido de A não pode ser definido independentemente do fato de que A é visto como conduzindo a C. Não há, pois, propriamente falando, passagem de A a C, não há justificação de C para um enunciado A que seria compreensível em si mesmo, independentemente da sequência portanto C. Consequentemente, não há transporte de verdade, transporte de aceitabilidade, de A até C, já que o encadeamento apresenta portanto C como já incluído no primeiro termo A. (CAREL; DUCROT, 2008, p.22).

A ANL conhece sua nova fase: a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Esta defende que a argumentação não se sustenta na passagem do argumento para a conclusão, mas sim na articulação entre esses dois segmentos, ligados semanticamente por dois conectores, a saber, *DC donc (PORTANTO)* e *PT pourtant (NO ENTANTO)*. Na TBS, os argumentos A e C não têm sentido se tomados isoladamente. Esse sentido só se dá na interdependência semântica entre o argumento (A) e a conclusão (C) que são estabelecidos pelos encadeamentos.

Os encadeamentos são chamados de blocos semânticos e podem apresentar dois aspectos, a saber, um normativo formado pelas construções com o conector *DC* e outro transgressivo formados com conector *PT*. É importante ressaltar que dois aspectos – normativo e transgressivo – pertencem ao mesmo bloco semântico.

### 3.1.3 A Teoria dos Blocos Semânticos

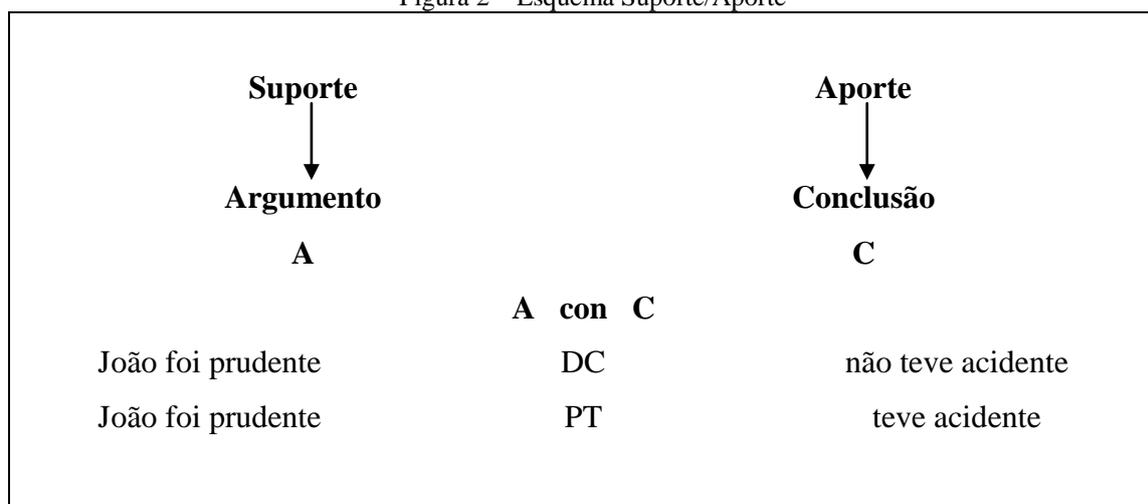
A Teoria dos Blocos Semânticos, fase atual da Teoria da Argumentação na Língua, é um aprofundamento e uma radicalização de conceitos criados por Ducrot, na ANL, a partir de Saussure.

De acordo com Carel e Ducrot (2005), a Teoria dos Blocos Semânticos defende que o sentido de uma entidade linguística está constituído por certos discursos que essa entidade evoca. Esses discursos foram chamados de encadeamentos argumentativos.

Os encadeamentos argumentativos são constituídos por dois segmentos A e C unidos por um conector (que são apenas protótipos).

Retomando os conceitos da seção acima (cf. 3.1.2), as relações entre os signos são a base de todo significado. Em *Descrição Argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação*, Carel e Ducrot (2008) defendem que uma argumentação é por definição uma sequência de dois enunciados ligados por um conector: um desses enunciados é o suporte, isto é, o antecessor da conexão, o outro, o aporte, o conseqüente. Sendo assim, ainda segundo os autores, podemos citar como argumentações externas à direita (suporte) de “João foi prudente” os seguintes encadeamentos: “João foi prudente, portanto não teve acidente” e “João foi prudente, no entanto teve um acidente”. No que concerne às argumentações externas à esquerda (aporte), temos as seguintes expressões: “João foi prevenido do perigo, portanto foi prudente” e “João não foi prevenido do perigo, no entanto foi prudente”. Percebemos então que o *suporte* de uma expressão corresponde ao argumento, já o *aporte* corresponde à conclusão. Observemos o esquema a seguir:

Figura 2 – Esquema Suporte/Aporte



Fonte: do autor.

Outro ponto de vista que é imprescindível destacar é a diferença entre os dois modos como os encadeamentos são ligados às expressões que os significam. Os teóricos distinguem, para qualquer expressão, suas argumentações interna e externa. As argumentações internas de uma expressão correspondem aos encadeamentos equivalentes a essa expressão, como as reformulações e as paráfrases. De acordo com os autores, as argumentações internas de *prudente* seriam:

- *Havia perigo DC João tomou precauções*

Ou ainda:

- *Havia perigo DC João desistiu de fazer*

As argumentações externas são pares, em que um elemento é normativo e o outro, transgressivo. Fala-se de argumentação à direita se a expressão for suporte. Podemos citar como exemplo as assertivas abaixo como as argumentações externas à direita de “João foi prudente”:

- (1) *João foi prudente, DC não teve acidente.*
- (2) *João foi prudente, PT teve um acidente.*

Já quando se fala de argumentação externa à esquerda, a expressão é aporte. Sendo assim, a argumentação externa à esquerda dessa mesma expressão dar-se-á da seguinte forma:

- (3) *João foi prevenido do perigo, portanto foi prudente.*
- (4) *João não foi prevenido do perigo, no entanto foi prudente.*

Ainda em consonância com Carel e Ducrot (2008):

Uma das razões pelas quais uma argumentação normativa é completamente diferente de uma inferência lógica ou logicóide: não se poderia apresentar, no discurso, um enunciado como suporte de um encadeamento normativo fundamentado na sua significação sem admitir ao mesmo tempo a possibilidade do encadeamento transgressivo correspondente, porque os dois encadeamentos estão igualmente inscritos, ao menos como possibilidades, na significação da frase realizada pelo enunciado – o que impede de apresentar este último como uma justificativa que impõe uma conclusão. (DUCROT e CAREL, 2008, p.10).

Segundo Carel e Ducrot, é a partir da relação entre os aspectos que formam a argumentação externa e interna que o discurso ganha sentido.

Gostaríamos de esclarecer que os conectores DC e PT são protótipos e podem corresponder a outras expressões além de *portanto e no entanto*. Dentre elas, pode-se citar como exemplo: para DC *então, por isso*; para PT *mesmo assim, porém*

(5) *Joaquim estudou bastante, por isso teve boas notas;*

(6) *Joaquim estudou bastante, porém não teve boas notas.*

Partindo dos exemplos referidos acima, a saber em (5) e (6), explica-se o que vem a ser um *bloco semântico*. Bloco semântico é o sentido que resulta da interdependência entre dois segmentos, entre um argumento e uma conclusão. Explicando mais concretamente, percebe-se que, de acordo com os exemplos referidos anteriormente, os blocos semânticos formam-se a partir dos segmentos: *Joaquim estudou bastante* e *teve boas notas*. Porém as relações de sentido que os exemplos (5) e (6) estabelecem entre si são distintas. A partir da interdependência semântica entre os segmentos citados anteriormente, resultam os seguintes encadeamentos:

(7) *Joaquim estudou bastante DC teve boas notas;*

(8) *Joaquim estudou bastante PT não teve boas notas.*

Podemos observar que, de certo modo, esses dois elementos: *estudar bastante DC ter boas notas* implicam um o outro, isto é, eles estão em interdependência semântica na qual um elemento depende do outro para a construção do sentido.

Cada bloco semântico tem quatro aspectos, isto é, quatro modos diferentes de olhar para um sentido. E o sentido em (5) é: estudar bastante resulta em boas notas. Pode-se olhar para esse sentido sobre os aspectos: se estuda bastante, tem boas notas; se não estuda bastante, não tem boas notas. Esses são os dois aspectos normativos. Mas se pode transgredir essa norma: estuda bastante, no entanto não tem boas notas; não estuda bastante, no entanto tem boas notas. Esses são os dois aspectos transgressivos.

A tabela a seguir mostra o bloco semântico do exemplo (5):

Tabela 2 – Bloco Semântico de Estudar e Boas Notas

Aspectos normativos	A DC B  estuda DC boas notas.	NEG-A DC NEG-B  NEG estuda DC NEG boas notas.
Aspectos transgressivos	A PT NEG-B  estuda PT NEG boas notas.	NEG-A PT B  NEG estuda PT boas notas.

Fonte: do autor.

Os aspectos pertencentes a cada bloco estabelecem, entre si, relações discursivas e são designados *conversos*, *recíprocos* e *transpostos*. Os dois aspectos chamados *conversos*, exprimem o mesmo bloco. Assim sendo em: *O estudo gera boas notas* podemos ter :

- *Joaquim estuda DC tem boas notas;*
- *Joaquim estuda PT não tem boas notas.*

Os aspectos chamados *recíprocos* também são formados pelos aspectos do mesmo bloco:

- *Joaquim estuda DC tem boas notas*
- *Joaquim não estuda DC não tem boas notas*

Por fim os pares que formam os aspectos *transpostos* são:

- *Joaquim estuda DC tem boas notas;*
- *Joaquim não estuda PT tem boas notas*

### 3.1.4 A Teoria da Argumentação na Língua e as Conjunções Coordenadas

Ducrot (1984) defende que não é possível atribuir valores semânticos de mesma natureza entre as entidades concretas (enunciados) e abstratas (frases). Isso porque os enunciados possuem propriedades que as frases não têm. Dentre as propriedades podemos citar a capacidade de refletir e aludir a objetos, estados ou acontecimentos do mundo.

O autor francês aponta outra razão para se considerar os problemas semânticos entre as frases e os enunciados. Isso tem a ver com o que o autor chama de variáveis intencionais: “Trata-se de alusões às intenções dos interlocutores, alusões que não podem ser decifradas a partir da frase, mas que são essenciais para a compreensão dos enunciados” (DUCROT, 1984, p.370). Oswald Ducrot toma como exemplo o caso da conjunção *mas* e afirma que, ao enunciar um texto composto de uma frase P seguida de uma frase *mas* Q, recebe do destinatário uma conclusão *r*, mas não é qualquer conclusão. É necessário que as frases estejam relacionadas para a construção do sentido. Ducrot descreve P *mas* Q como uma sequência de enunciados e sua realização consiste em:

Primeiro dizer P, depois corrigir as conclusões possíveis a partir de P, acrescentando *mas* Q. Para que uma sequência de enunciados constituam discurso, poremos como condição (...) que os atos de enunciação sucessivos não sejam independentes, mas se apoiem uns nos outros. (DUCROT, 1984, p. 378)

Ducrot relata que Bally vê esse tipo de relação como relações coordenadas e as descreve dizendo que se a primeira serve de tema para a seguinte e se essa condição não é satisfeita, os termos que se sucedem não passam de justaposição sem sentido. Essa definição vai ao encontro da nossa pesquisa e contra a definição tradicional feita pela gramática. Para Luft (2004), as orações coordenadas são orações independentes, a coordenação entre as orações se faz por meio de uma conjunção coordenativa e recebem o nome da respectiva conjunção. Outra possibilidade de coordenação é a simples justaposição dessas orações.

Para Ducrot, na língua, os termos não estão unidos por simples justaposição, pois é a relação entre os signos que orienta para o sentido. Assim sendo, “inteligente” orienta para “bom aluno”, porque a significação, na língua, de “inteligente” pode orientar semanticamente para “bom aluno”. Então, vindo desse modo, as conjunções,

ainda para Ducrot, expressam a relação semântica entre os dois signos, chegando através dessa relação, ao sentido do enunciado.

As conjunções coordenativas não estabelecem interdependência semântica. É a significação dos signos que possui essa função. Se as conjunções tivessem essa função, seria possível estabelecer qualquer relação entre signos, contanto que se utilizassem conjunções coordenativas. Mas não é assim que acontece na língua; se fosse assim, Ducrot estaria equivocado. É a relação entre signos que estabelece os sentidos dos enunciados. As conjunções expressam esse sentido.

Nosso intuito é mostrar que o sentido não está contido nas conjunções, mas sim nas relações de interdependência que elas produzem com as orações. Acreditamos que não é possível considerar apenas a conjunção coordenada de forma isolada; é necessário que consideremos a totalidade da frase<sup>5</sup> para atribuirmos a ela um sentido. A partir dessa visão é que conduziremos as análises do nosso *corpus*.

---

<sup>5</sup> Frase na língua, para Ducrot.

## 4 METODOLOGIA E ANÁLISES

Com o intuito de alcançar os objetivos desta dissertação (compreender o sentido expresso por conjunções coordenativas no discurso) propõe-se analisar discursos, pelo viés da ANL. O *corpus* analisado constitui-se de discursos escritos em língua portuguesa extraídos de livros, jornais, revistas e Internet. O critério de seleção foi de o discurso apresentar conjunções coordenativas do tipo: “e” e “mas”. Nosso interesse não será classificar as conjunções coordenativas, mas analisar o sentido expresso pela relação entre os enunciados articulados por elas no discurso. Os discursos escolhidos não serão analisados de forma isolada, mas sim dentro do sistema de valores solidários que é a língua.

### 4.1 METODOLOGIA

Para a análise e aplicação dos conceitos presentes na ANL, partiremos dos sentidos encontrados no discurso para chegar à explicação de como a língua se organiza para indicar os sentidos expressos no próprio discurso, e assim, perceber dentre os sentidos apresentados pelo autor, aqueles que são essenciais para a compreensão dos enunciados

Estabelecemos procedimentos passo a passo, para a análise, com o intuito de facilitar o entendimento e posterior discussão. São eles:

**PASSO 1** – Leitura minuciosa dos enunciados.

**PASSO 2** – Levantamento dos principais sentidos apresentados pelo autor.

**PASSO 3** – Construção dos encadeamentos que expressam o sentido dos enunciados.

**PASSO 4** – Análise das relações argumentativas de sentido constituídas entre os enunciados que as conjunções coordenativas articulam, por meio de encadeamentos argumentativos semânticos.

**PASSO 5** – Por fim, com base nos encadeamentos argumentativos, depreender os sentidos que as conjunções coordenativas expressam nos enunciados.

### 4.2 ANÁLISES

As análises envolveram pesquisas na área na Teoria da Argumentação na Língua com o objetivo de encontrar conceitos que oferecessem suporte ao tema aqui

desenvolvido. Analisamos, a seguir, duas tiras, nas quais apreenderemos o sentido que a conjunção coordenativa *mas* expressa nas orações nas quais estão inseridas. As tiras foram selecionadas por apresentarem discursos contendo a conjunção que queremos analisar.

#### 4.2.1 Texto 1



A análise da primeira tira de Browne, apresenta o diálogo entre Zezé e sua mãe, a respeito da organização do quarto do menino. Como nos mostra o enunciado “Arrumei meu quarto! Está satisfeita agora?“, a mãe, então, mostra satisfação ao ver o quarto do filho organizado, como podemos observar na afirmação “Ficou ótimo!”. Contudo, por meio do enunciado seguinte: “Mas agora não tenho mais coragem de convidar meus amigos!” é possível depreender da afirmação, feita por Zezé, que ele mostra-se insatisfeito com o resultado da organização.

Nesse momento, sob a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua, faremos a análise do enunciado “Mas agora não tenho mais coragem de convidar meus amigos!” com o intuito de avaliar o sentido expresso pela relação entre os enunciados que estão articulados por meio de conjunções coordenadas presentes no discurso. Ressaltamos que esta pesquisa defende a hipótese de que as conjunções apenas expressam o sentido resultante da relação entre os enunciados que elas articulam.

Retomando, então, o diálogo entre Zezé e sua mãe, pelo enunciado presente no discurso “Arrumei o quarto! Está satisfeita?” foi possível criarmos o encadeamento argumentativo quarto arrumado PORTANTO satisfação, que remete a um aspecto normativo da língua (c.f seção 3.1.3) no qual apresenta a satisfação (esperada) de uma mãe ao perceber que seu filho organizou o quarto de forma exemplar. Contudo, o enunciado seguinte, aquele que apresenta a insatisfação da criança (“Mas agora não tenho mais coragem de convidar meus amigos!”) orienta para um sentido contrário ao

esperado, então transgressivo à norma, como podemos observar, com clareza, no encadeamento depreendido: quarto arrumado NO ENTANTO NEG satisfação. Verificamos que nessa afirmação apresentada pelo locutor (o menino), a conjunção *mas* apresenta sentido adversativo. É válido ressaltar que esse sentido é expresso pelas relações entre os enunciados que essa conjunção articula e não na conjunção coordenada em si, como propõe a tradição gramatical, visto que as conjunções apenas explicitam a relação existente entre os enunciados.

Passemos agora à análise da próxima tirinha

#### 4.2.2 Texto 2



A análise da tira de Alexandre Beck mostra o diálogo entre Armandinho e sua mãe, sobre o nervosismo do pai, frente ao exame de próstata. Podemos perceber isso pelo enunciado “Por que o pai tá tão nervoso?”, a mãe, então, responde ao filho com a seguinte afirmação “Ele vai fazer exame de próstata!” Armandinho, surpreso com a resposta da mãe, enuncia “Mas ele não estudou?”

Utilizando a teoria semântica de Ducrot faremos a análise do enunciado “Mas ele não estudou?”. Nosso objetivo será de analisar o sentido expresso pela conjunção “mas” nesse enunciado

Prosseguindo, então, com o diálogo entre Armandinho e sua mãe, pelo enunciado presente no discurso “Por que o pai tá tão nervoso?” conseguimos criar o encadeamento argumentativo “preocupação PORTANTO nervoso”, fato que remete a um aspecto *normativo* da língua. O enunciado seguinte “Ele vai fazer exame de próstata”, confirma a causa da preocupação. Sendo assim, podemos formar o encadeamento, evocado pela mãe “exame de próstata PORTANTO nervoso”, obedecendo ainda ao aspecto *normativo*. Armandinho, na tentativa de colaborar com

seu locutor (a mãe), completa o sentido de “exame” de forma diferente daquela que seu locutor estava propondo e constrói outro encadeamento “NEG estudo PORTANTO nervoso”. Nesse momento, percebemos que a criança entendeu “exame” de maneira diferente ao proposto pela mãe. Enquanto o sentido de “exame” para mãe é relacionado ao exame de próstata, o menino relaciona “exame” ao exame escolar, desse modo “estudar PORTANTO NEG nervosismo” e “não estudar PORTANTO nervosismo”

Nesse enunciado percebemos um sentido distinto ao esperado. É um descompasso que gera humor, mas permanece no aspecto normativo da língua “NEG estudo PORTANTO nervoso”. Verificamos que nessa afirmação apresentada pelo locutor (Armandinho), a conjunção *mas* não apresenta sentido adversativo, como é proposto pela tradição gramatical, pois ela não está relacionando enunciados. Nessa situação *mas* parece ser um elo de coesão entre as ideias, podendo ser subtraído do enunciado, sem alteração de sentido.

### 4.2.3 Texto 3

Prosseguiremos nossa análise, com o poema *Caravelas* de Florbela Espanca, extraído do livro *Sonetos* de 1964. No referido poema apreenderemos o sentido que a conjunção coordenada *e* expressa nas expressões nas quais estão inseridas. O poema foi escolhido por sua beleza e por apresentarem múltiplos discursos contendo a conjunção que nos propomos analisar.

*Caravelas.*

Cheguei ao meio da vida já cansada  
De tanto caminhar! Já me perdi!  
Dum estranho país que nunca vi  
Sou nesse mundo imenso a exilada.

Tanto tenho aprendido e não sei nada  
E as torres de marfim que construí  
Em trágica loucura as destruí  
Por minhas próprias mãos de malfadada!

Se eu sempre fui assim este Mar morto:  
Mar sem marés, sem vagas e sem porto  
Onde velas de sonhos se rasgaram!

Caravelas doiradas a bailar...  
Ai quem me dera as que eu deitei ao Mar!  
As que eu lancei à vida, e não voltaram!

ESPANCA, Florbela, *Sonetos edição integral*. Porto, Lurama Tavares Martins, 1964, p. 61

No poema de Florbela Espanca, identificamos a presença da conjunção coordenativa *e*. Analisaremos a seguir o sentido de cada conjunção *e* presente no poema. Começaremos a análise com o segundo quarteto do poema:

Tanto tenho aprendido **e (1)** não sei nada  
**E (2)** as torres de marfim que construí  
Em trágica loucura as destruí  
Por minhas próprias mãos de malfadada!

No enunciado “ Tanto tenho aprendido e não sei nada” temos o encadeamento “aprender PT não saber”, esse tipo de aspecto é chamado, por Ducrot, de *transgressivo*, pois o sentido de “aprender” orienta para “saber”. Contudo, nesse enunciado, o sentido de “aprender” apresenta sentido distinto do esperado pela língua. Nessa conjunção coordenativa **(1)**, percebemos, pela construção do bloco semântico construído anteriormente, que *e* não apresenta a noção de adição e sim de adversidade: “ Aprender, mas não saber nada”

Essa adversidade só é possível de ser percebida pelas relações de sentido existente entre a primeira oração e a segunda. Por essa razão não é correto dizer que as conjunções contêm sentido em si mesmas uma noção de sentido.

Na segunda conjunção coordenativa *e* em: “E as torres de marfim que construí em trágica loucura as destruí por minhas mãos de malfadada”, podemos formar o bloco semântico “construí NO ENTANTO destruí”. Esse bloco nos remete ao aspecto *transgressivo* da língua. A conjunção coordenada *e* introdutória desse enunciado, parece ter sentido aditivo. Contudo a ideia de adição está relacionada ao enunciado anterior, a saber, “tanto tenho aprendido e não sei nada”. Porém, de acordo com algumas gramáticas, a conjunção *e* que introduz o enunciado “E as torres de marfim que construí” parece fazer referência a algo anteriormente citado e supostamente conhecido.

Por fim, no primeiro terceto, encontramos a conjunção *e* da seguinte forma:

“Se eu sempre fui assim este Mar morto:

Mar sem marés, sem vagas e sem porto

Onde velas e sonhos se rasgaram!”

Começaremos nossa análise com o segundo verso do segundo terceto do poema, isto é, pelo enunciado “Mar sem marés, sem vagas e sem porto”. “mar morto PORTANTO sem porto”. Mar morto, nesse poema, orienta para um mar sem vida, sem movimento. Já o sentido de “sem porto” orienta para sem ponto de chegada. Percebemos que nessa situação o uso da conjunção *e* articula dois termos da oração, a saber, “sem vagas e sem porto” expressando uma ideia de adição, de acréscimo, aos termos que essa conjunção articula. Mas é incoerente afirmar, como diz a tradição gramatical, que os termos são independentes entre si. Ora, se assim fosse, eles não precisariam aparecer articulados para a construção do sentido que eles desejam expressar. O sentido é “mar morto PORTANTO sem porto de chegada”. E finalmente no enunciado “Onde velas e sonhos se rasgaram” podemos construir o seguinte bloco “mar morto PORTANTO NEG realizações”. A análise do poema de Florbela Espanca, *Caravelas*, sob o viés da teoria ducrotiana não leva em consideração os sentidos conhecidos pela tradição gramatical, como literal e figurado. Para Ducrot é somente na relação com outras palavras, isto é, no discurso, que essas palavras são capazes de produzir sentido. Essa é a proposta da ANL ao defender que o sentido de uma entidade linguística se dá pelo conjunto de relações dessa entidade com outras entidades da língua (CAREL; DUCROT, 2005, p.29). Ducrot considera que o sentido só pode ser produzido no uso, por isso, não há, para o linguista, a ideia de sentido literal e figurado.

Apresentamos alguns exemplos de como as conjunções coordenativas expressam os sentidos existentes nas orações que elas articulam. Essas análises são exemplos de como a Teoria da Argumentação na Língua pode explicar a relação que as orações coordenadas articuladas por conjunções do tipo “mas” e “e” expressam. Essas análises parecem mostrar alguns aspectos relativos à construção do sentido no discurso. Esses aspectos são, justamente, os conceitos criados por Ducrot a partir das ideias de *valor e relação* de Saussure.

#### 4.2.4 Texto 4

##### **Sermão de Santo Antônio aos Peixes**

Vós, diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra não se deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina que lhe dão, a não querer receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo servem a seus apetites. Não é tudo isso verdade? Ainda mal.

VIEIRA, Antônio. Pe. *Os sermões*. São Paulo, Difiel, 1968. I, p.340.

No excerto de Pe. Antônio Vieira, “Sermão de Santo Antônio aos Peixes”, identificamos a ocorrência da conjunção coordenativa *ou*. Lendo atentamente o texto supra, percebemos que o sermão apresenta como tema as prováveis causas da falta de eficiência dos pregadores. O autor usa as palavras “sal, terra” de maneira distinta das conhecidas comumente. Sal, nesse sermão, representa os pregadores, enquanto, terra, os ouvintes. Para construir as análises, partiremos dos argumentos externos da expressão “sal” utilizadas nesse sermão. Nesse contexto, o sentido de “sal” orienta para eficiência, sendo assim podemos construir os seguintes encadeamentos argumentativo: “sal PORTANTO eficiência”, o esperado para bons pregadores. Os encadeamentos construídos pelo bloco “sal NO ENTANTO NEG eficiência” como em: “ Sal NO ENTANTO terra não se deixa salgar” ; “Sal NO ENTANTO ouvintes agem como

pregadores”; “Sal NO ENTANTO ouvintes seguem seus apetites”. Outro tipo de bloco é aquele construído por “ NEG sal PORTANTO NEG eficiência”. São eles “ NEG sal PORTANTO NEG pregar a verdade”; “ NEG sal PORTANTO NEG fazer o que pregam” e ainda “NEG sal PORTANTO NEG pregar a Cristo”. Todas essas causas relatadas orientam para o sentido de “Sal NO ENTANTO NEG eficiência”. Retomando a visão de Moura Neves (2000) sobre as construções alternativas, a autora defende que elas marcam uma relação de desigualdade entre dois segmentos coordenados. Esses segmentos construídos com a conjunção coordenativa ”ou” podem marcar disjunção ou alternância entre os elementos que ela relaciona. Essas construções alternativas podem ser inclusivas – nas quais os elementos se somam como em: “O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, *ou* qual pode ser a causa desta corrupção?” e disjunções exclusivas, nas quais os elementos se excluem ou se alternam: como em: “Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra não se deixa salgar.”

#### 4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção apresentaremos os resultados depreendidos da análise do nosso *corpus* de maneira organizada, para que possamos ter uma melhor compreensão do fenômeno estudado nesta dissertação. Nesse intuito, apresentaremos as ocorrências das conjunções coordenativas “mas”, “e” e “ou”, bem como o sentido que expressam em cada enunciado em que ocorrem. Iniciamos a análise do *corpus* por discursos mais simples, contendo poucos enunciados e poucas ocorrências das conjunções já citadas, como é o caso do texto 1, tirinha de Browne, do personagem Zezé e do texto 2, a tirinha de Alexandre Becker do personagem Armandinho. O texto 3, a poesia *Caravelas* de Florbela Espanca apresenta uma maior dificuldade em virtude dos diferentes sentidos que a conjunção coordenativa “e” expressa em cada enunciado. Por último o texto 4, *Sermão de Santo Antônio aos Peixes* de pe. Antônio Vieira, também apresenta um grau de complexidade mais elevado em razão das diferentes ocorrências da conjunção coordenativa “ou” nos enunciados.

Identificamos, em nosso *corpus*, que as conjunções coordenativas “mas”, “e” e “ou”, em determinados contextos assumem o sentido descrito pela Gramática Tradicional – de adversidade para “mas”; de adição para “e” e de alternância para “ou”. Entretanto, de acordo com o *corpus* analisado, as conjunções coordenativas citadas anteriormente, aparecem com sentidos distintos dos propostos pela tradição gramatical.

A seguir, apresentaremos os sentidos das conjunções coordenativas “mas”, “e” e “ou” expressos em cada enunciado do *corpus* desta pesquisa. Daremos início à exposição com os enunciados construídos com a conjunção “mas”, seguido daqueles construídos pela conjunção “e” e por fim, daqueles construídos pela conjunção “ou”.

Apresentaremos, a seguir, os enunciados construídos com a preposição “mas” :

<b>Enunciados com a conjunção “mas”</b>	<b>Sentido expresso pela conjunção</b>
<i>Mas</i> agora não tenho mais coragem de convidar meus amigos	Adversativo
<i>Mas</i> ele não estudou	Adversativo

A seguir, apresentamos os enunciados construídos com a conjunção “e”

<b>Enunciados com a conjunção “e”</b>	<b>Sentido expresso pela conjunção</b>
Tanto tenho aprendido <i>e</i> não sei nada	Adversativo
<i>E</i> as torres de marfim que construí	Aditivo
Mar sem marés, sem vagas <i>e</i> sem porto	Aditivo
As que eu lancei à vida, <i>e</i> não voltaram!	Adversativo

Por fim, os enunciados construídos com a conjunção “ou”

<b>Enunciados com a conjunção “ou”</b>	<b>Sentido expresso pela conjunção</b>
Qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção?	Aditivo
Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra não se deixa salgar	Alternativo

Gostaríamos de deixar claro que esta pesquisa não tem como objetivo condenar os estudos gramaticais. Nosso propósito é mostrar que a língua não pode ser reduzida a apenas simples classificações. Consideramos que o estudo da língua deve contemplar tanto os aspectos gramaticais, como o funcionamento desses aspectos no discurso.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta dissertação foi buscar os resultados de sentido partindo do princípio de que é no discurso que as conjunções coordenativas assumem seu significado e definem sua função. Tanto as conjunções coordenativas, como qualquer outra entidade da língua, devem ser consideradas no contexto em que elas ocorrem.

A Teoria da Argumentação na Língua, mais precisamente a Teoria dos Blocos Semânticos, contraria as teorias que propõem o sentido fora da linguagem. As pesquisas de Oswald Ducrot e Marion Carel confirmam que o sentido de uma expressão linguística só pode ser construído pelas relações dessas expressões com outras expressões do discurso. Isso revela que o sentido é linguístico. Ademais, os pesquisadores defendem que o sentido é argumentativo, isto é, o sentido parte do ponto de vista do locutor a respeito de algo. Como vimos, anteriormente, nesta dissertação, o sentido do enunciado é resultante da significação das frases – essas são criação do linguista, entidades de caráter abstrato. O sentido não está pronto no sistema linguístico, para a criação do sentido é necessário que ele esteja associado ao uso da língua, isto é, ao discurso. Sendo assim, não é possível aceitar que há dicotomia entre as noções de língua e fala saussurianas. Tendo como base a ideia de que é no uso que as entidades linguísticas se definem, depreendemos que uma expressão só ganha seu sentido no contexto que ela está inserida, podendo apresentar vários sentidos, mas não qualquer um. O sentido dependerá da relação dessa expressão com outras expressões. Desse modo, o que é linguístico abre possibilidades de atribuição de sentido para uma expressão e simultaneamente se fecha para outras. Acreditamos que o estudo das relações que as conjunções coordenativas exprimem também devem ser estudadas pelo linguístico, pois existem várias possibilidades de sentido para elas que não só aqueles apresentados pela tradição gramatical. Por esse motivo, a ANL e a TBS foram escolhidas como embasamento teórico para o estudo das conjunções coordenativas nesta dissertação.

Para se chegar ao sentido das expressões que as conjunções coordenativas expressam, escolhemos a ANL e a gramática, optamos por analisar o fenômeno estudado pela gramática de usos. Esse tipo de gramática, segundo Moura Neves (2002), procura verificar como a comunicação acontece em uma determinada língua. Para isso, esse tipo de gramática tem como objetivo descrever a língua como um sistema, sem separar as partes desse sistema das funções que elas ocupam. Essa gramática vê a

relação entre os elementos que dela fazem parte sem a pretensão de rotulá-los, mas considerando seu uso e procurando, dentro dele, compreender os sentidos construídos.

Nos textos analisados vimos como as conjunções coordenativas aditivas, adversativas e alternativas construíram sentidos. Em cada texto confirmamos que cada conjunção expressou o sentido já existente na relação entre os enunciados que elas associam. Confirmamos, também, que é no uso que os elementos da língua ganham sentido.

Como foi mostrado, o texto 1, a tira de Browne, na qual o personagem Zezé estava insatisfeito por seu quarto estar organizado, a argumentação decorrente do enunciado “mas agora não tenho mais coragem de convidar meus amigos” é **quarto arrumado NO ENTANTO neg satisfação**, ou seja: a organização, nesse contexto é algo negativo. Na tira 2 de Alexandre Becker, Armandinho em conversa com a mãe a indaga sobre o nervosismo do pai ante ao exame que esse deve fazer. Desse diálogo cômico percebemos que a expressão “exame” apresenta dois sentidos distintos para esse contexto. O primeiro sentido de “exame” é o evocado pela mãe que orienta para exame médico: **“exame de próstata PORTANTO nervoso”**. Ao passo que o sentido de “exame” evocado por Armandinho orienta para “exame escolar”, o enunciado “mas ele não estudou?” decorre desse sentido e sua argumentação é: **“neg estudo PORTANTO nervoso”**.

Dando continuidade aos estudos sobre as conjunções, no texto 3 percebemos sentidos distintos para a conjunção coordenativa “e”. Para o enunciado “Tanto tenho aprendido e não sei nada” construímos o encadeamento **“aprender PT não saber”**. Nesse enunciado, “aprender” apresenta sentido distinto do esperado pela língua. Sendo assim, percebemos, pela construção do bloco semântico construído anteriormente, que e não apresenta o sentido de adição e sim de adversidade: “Aprender, mas não saber”. No segundo enunciado construído, a conjunção coordenativa e em: “E as torres de marfim que construí em trágica loucura as destruí por minhas mãos de malfadada”, formamos o bloco semântico **“construi NO ENTANTO destrui”**. A conjunção coordenada e que introduz esse enunciado, parece ter sentido aditivo. Essa ideia de adição está relacionada ao enunciado anterior, que é: “tanto tenho aprendido e não sei nada”. Relembramos, que em: “tanto tenho aprendido e não sei nada” o sentido da conjunção “e” é adversativo. Por último, o enunciado “Mar sem marés, sem vagas e sem porto” orienta para **“mar morto PORTANTO sem porto”**. Mar morto, nesse poema, orienta para um mar sem vida, sem movimento.

Finalmente, no texto 4 podemos ver os diferentes sentidos da conjunção **ou**, nesse excerto de Pe Antônio Vieira, “Sermão de Santo Antônio” o sentido de “sal” orienta para eficiência. Sendo assim podemos construir os seguintes encadeamentos argumentativos: “**sal PORTANTO eficiência**” aquele que é esperado para os bons pregadores, mas também é possível construir encadeamentos constitutivo do bloco “**sal NO ENTANTO Neg eficiência**”. Outro tipo de bloco que pode ser construído é “**Neg sal PORTANTO Neg eficiência**”.

Podemos estabelecer as conclusões apenas porque cada discurso foi analisado semanticamente a partir do olhar da TBS. O estudo das construções coordenadas adversativas, aditivas e alternativas sustentado desse modo, permitiu que o sentido dos enunciados fossem expressos e explicados pela própria língua.

As conjunções, por fim, expressam o sentido construído pela relação entre segmentos, entre encadeamentos, entre parágrafos, etc.

## REFERÊNCIAS

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La Semántica Argumentativa. Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos*. Edición literaria a cargo de María Marta NEGroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

\_\_\_\_\_. *Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação*. *Letras de Hoje*. Porto alegre, v.43, n.1, mar. 2008.

CEGALLA, Domingos P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Nacional, 1985.

CUNHA, Celso F.; CINTRA, Luis F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUCROT, Oswald. *Enunciação*. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

\_\_\_\_\_. *Polifonía Y Argumentación. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso*. Cali: Universidad del Valle, 1990.

\_\_\_\_\_. *Prefácio*. In: VOGT, Carlos. *O Intervalo Semântico*. São Paulo: Ateliê Editorial/ Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ESPANCA, Florbela. *Sonetos: Edição integral*. Porto: Editora Lurama Tavares Martins, 1965

FRANCHI, Carlos. *Criatividade e gramática*. São Paulo: SEE/ CENP, 1991.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. São Paulo: Editora Globo, 2002.

\_\_\_\_\_. *Gramática Resumida*. São Paulo: Editora Globo, 2004

MOURA NEVES, Maria H. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *A Gramática história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. *A gramática passada a limpo conceito, análises e parâmetros*. São Paulo: Editora Parábola, 2012.

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012. BALLY, Charles, SECHEHAYE, Albert (orgs).

\_\_\_\_\_. *Escritos de Linguística Geral*. Tradução Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. São Paulo: Contexto, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

VIEIRA, Antônio. Pe. *Os sermões*. São Paulo, Difiel, 1968.



## CURRICULUM VITAE (Plataforma LATTES CNPq)

### Roberta Lara de Oliveira Aragão

Possui graduação em Letras-Português-Frances pela Universidade Federal do Ceará (2009). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Atualmente mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atuando nos temas: ensino, língua francesa, educação, psicopedagogia e psicomotricidade

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/1410573268663640>

### Dados pessoais

**Nome** Roberta Lara de Oliveira Aragão  
**Nascimento** 14/12/1981 - Fortaleza/CE - Brasil  
**Carteira de Identidade** 2001002391820 SSP - CE - 20/09/2002  
**CPF** 928.423.213-91

### Endereço eletrônico

E-mail para contato : robertal\_aragao@hotmail.com  
 e-mail alternativo : roberta.aragao.acad.pucrs.@gmail.com

### Formação acadêmica/titulação

- 2013** Mestrado em Lingüística e Letras.  
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil  
 Orientador: Maria da Glória di Fanti  
 Co-orientador: Leci Borges Barbisan  
 Bolsista do(a): Proboasas
- 2011 - 2013** Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional.  
 Universidade Estadual Vale do Acaraú, UVA-CE, Sobral, Brasil  
 Título: A Psicopedagogia e a Psicomotricidade: relação entre mente, corpo e desempenho.  
 Orientador: Francisco Tarcízio Cavalcante Benevides Júnior
- 2005 - 2009** Graduação em Letras-Português-Frances.  
 Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, Brasil  
 Bolsista do(a): Pro-reitoria de pesquisa

### Formação complementar

- 2009** Inglês.  
 Wizard Centro de Línguas, WIZARD, Brasil
- 2013 - 2013** Linguística Evolutiva: o debate Chomsky e Pinker..  
 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil  
 Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- Extensão universitária interrompido(a) em Casa de Cultura Alemã.  
 Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, Brasil

Ano de interrupção: 2010

Extensão universitária interrompido(a) em Núcleo de Línguas Estrangeiras.  
Universidade Estadual do Ceará, UECE, Fortaleza, Brasil  
Ano de interrupção: 2010

**2010 - 2010** Curso de curta duração em Educação a Distância.  
Instituto Federal do Ceará - Reitoria, IFCE, Fortaleza, Brasil

**2002 - 2006** Extensão universitária em Casa de Cultura Francesa.  
Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, Brasil

### **Atuação profissional**

#### **1. Instituto Federal do Ceará - Reitoria - IFCE**

##### **Vínculo institucional**

**2010 - 2013** Vínculo: Tutor a Distância , Enquadramento funcional: Ativo , Carga horária: 20, Regime: Parcial

#### **2. Casa de Cultura Francesa - CCA**

##### **Vínculo institucional**

**2009 - 2009** Vínculo: Bolsa de Pesquisa , Enquadramento funcional: Professor Bolsista , Carga horária: 20, Regime: Parcial

#### **3. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS**

##### **Vínculo institucional**

**2013 - Atual** Vínculo: Bolsista , Enquadramento funcional: Pesquisa e Desenvolvimento. , Carga horária: 12, Regime: Parcial

#### **4. Wizard Centro de Línguas - WIZARD**

##### **Vínculo institucional**

**2009 - 2013** Vínculo: Professor , Enquadramento funcional: Professor de Francês e inglês , Carga horária: 20, Regime: Parcial

#### **5. Nucleos de Linguas Estrangeiras - NLE**

##### **Vínculo institucional**

**2009 - 2009** Vínculo: Bolsa de Extensão , Enquadramento funcional: Professor Bolsista , Carga horária: 24, Regime: Parcial

#### **6. Universidade Federal do Ceará - UFC**

##### **Vínculo institucional**

**2006 - 2007** Vínculo: Membro Centro Academico , Enquadramento funcional: Secretária de assuntos

Estudantis , Carga horária: 20, Regime: Parcial

### Áreas de atuação

#### 1.Linguística

#### Idiomas

**Alemão** Compreende Pouco , Fala Pouco , Escreve Pouco , Lê Razoavelmente

**Inglês** Compreende Bem , Fala Bem , Escreve Bem , Lê Bem

**Francês** Compreende Bem , Fala Bem , Escreve Bem , Lê Bem

**Português** Compreende Bem , Fala Bem , Escreve Bem , Lê Bem

#### Prêmios e títulos

**2013** Especialista em psicopedagogia Institucional e Clínica, Universidade Estadual Vale do Acaraú

#### Produção

##### Produção bibliográfica

##### Apresentação de trabalho e palestra

1. **ARAGÃO, Roberta.L.O.**

**VOCÊ NÃO É BEM-VINDO AQUI: A EXCLUSÃO SOCIAL NA FRANÇA A PARTIR DO ROMANCE DE GONE DU CHAÂBA DE AZOUS BEGAG**, 2009. (Congresso,Apresentação de Trabalho)

##### Produção técnica

##### Demais produções técnicas

1. Jacqueline Freitas Bezerra, **ARAGÃO, Roberta.L.O.**, Roberto Bezerra de Menezes, Ada Tabosa Barroso, Débora Lopes do Carmo

**Curso Comunicativo de Francês**, 2008. (Outro, Curso de curta duração ministrado)

##### Educação e Popularização de C&T

##### Participação em eventos, congressos, exposições, feiras e olimpíadas

1. **Seminário Internacional de Teoria da Argumentação na Língua**, 2013. (Seminário)

2. **Seminário Internacional da Teoria da Relevancia**, 2013. (Seminário)

#### Eventos

##### Eventos

##### Participação em eventos

1. **Seminário Internacional de Teoria da Argumentação na Língua**, 2013. (Seminário)

2. **Seminário Internacional da Teoria da Relevancia**, 2013. (Seminário)
3. Apresentação Oral no(a) **XXX ENEL**, 2009. (Encontro)  
VOCÊ NÃO É BEM-VINDO AQUI: A EXCLUSÃO SOCIAL NA FRANÇA A PARTIR DO ROMANCE DE GONÉ DU CHAÂBA DE AZOUS BEGAG.
4. Apresentação (Outras Formas) no(a) **II Encontro Norte/ Nordeste de Professores de Literatura Portuguesa**, 2008. (Encontro)  
Encontro Norte e Nordeste de Professores de Literatura Portuguesa.
5. **ENCONTRO INTERNACIONAL DE TEXTO E CULTURA**, 2008. (Encontro)
6. **I CHIP- Colóquio sobre Hipertexto: Letramentos na Web**, 2008. (Outra)
7. **As novas tecnologias da Informação eo o Marketing para bibliotecas**, 2008. (Seminário)
8. Apresentação Oral no(a) **VII Encontro Internacional de Estudos Medievais**, 2007. (Encontro)  
Introdução à leitura de textos manuscritos (séc XIV-XV).
9. Apresentação Oral no(a) **VI Semana de Letras**, 2007. (Outra)  
Teogonia- A origem dos deuses.
10. **II Encontro nacional sobre Hipertexto na UFC**, 2007. (Encontro)
11. **Interkulturelle Kommunikation und Empathie im Fremdsprachenunterricht**, 2007. (Seminário)
12. **Deutsch-Brasilianische Kulturbeziehungen und DaF/ Relações Culturais Brasil-Alemanha e o Ensino de alemão como língua estrangeira.**, 2007. (Seminário)
13. Apresentação Oral no(a) **V Semana de Letras**, 2006. (Outra)  
Cultura Africana.
14. Apresentação Oral no(a) **Jornadas Literárias**, 2006. (Outra)  
Jornadas: do Riso, de Literatura Fantástica, Literatura e Sociedade e A Residualidade ao alcance de todos.
15. Apresentação Oral no(a) **III Semana de Humanidades**, 2006. (Outra)  
"O Homem, a Ética e a Política".

#### **Organização de evento**

1. MARTINS, E. D., **ARAGÃO, Roberta.L.O.** **Encontro Norte e Nordeste de Professores de Literatura Portuguesa**, 2008. (Congresso, Organização de evento)
2. **ARAGÃO, Roberta.L.O.**, SALES, K. L. B. **VII Semana de Letras**, 2008. (Congresso, Organização de evento)
3. MARTINS, E. D., PONTES, R., KALL, Jacqueline Freitas Bezerra, **ARAGÃO, Roberta.L.O.** **VII ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS**, 2007. (Congresso, Organização de evento)

**Bancas****Bancas****Participação em banca de comissões julgadoras**

1. **Comissão para avaliar a documentação de distinção acadêmica: MAGNA CUM LAUDE.**, 2006  
 Universidade Federal do Ceará

**Totais de produção****Produção bibliográfica**

Apresentações de trabalhos (Congresso)..... 1

**Produção técnica**

Curso de curta duração ministrado (outro)..... 1

**Eventos**

Participações em eventos (seminário)..... 5

Participações em eventos (encontro)..... 5

Participações em eventos (outra)..... 5

Organização de evento (congresso)..... 3

Participação em banca de comissões julgadoras (outra)..... 1